



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A cor do conhecimento: reflexões sobre a (in)visibilidade dos doutorandos negros nos programas de pós-graduação em comunicação do Rio Grande do Sul

The color of knowledge: reflections on the (in) visibility of black doctoral students in postgraduate programs in communication in Rio Grande do Sul

Wagner Machado da Silva

Palavras-chave: Pós-graduação, Comunicação, Negros, Doutorado

Resumo

O presente artigo pretende elaborar uma etnografia dos docentes e doutorandos negros dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Rio Grande do Sul de 2010 a 2020, justamente o período posterior a implantação das reservas de vagas nas universidades públicas e do Programa Universidade Para Todos (Prouni) nas instituições privadas. Além disso, o intuito do estudo é verificar se esse novo panorama pode ter alterado o ensino na base da universidade, que é a graduação, e no fazer comunicacional dos egressos desse decênio. A importância desse tema para a comunicação, conforme estado da arte, se dá pelo viés inédito da abordagem e contribuição à ciência, por traçar um panorama ainda não identificado no Rio Grande do Sul, sobretudo entender como esses aspectos refletem no dia a dia do ambiente universitário. Já o problema desse estudo versa sobre o ensino do fazer comunicacional, em uma perspectiva diversa e plural. Afinal, do que (e por quem) é feita a pesquisa em comunicação, uma vez que, objetivamente, o doutoramento forma pesquisadores? Como hipótese apresenta-se a possibilidade de que a pouca presença de pessoas negras na pós-graduação em comunicação do Estado (alunos e professores da PUCRS, UFRGS, UFSM e Unisinos)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

concorre para a (in)visibilidade de determinados temas nas salas de aula e nas práticas comunicacionais dos egressos.

Esse artigo tem o desejo de refletir sobre a (in)visibilidade da etnia negra no doutorado dos programas de pós-graduação em comunicação das universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santa Maria (UFSM), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos), que são as quatro instituições que oferecem a capacitação para obter o grau de doutor em comunicação. Nesse primeiro momento, optamos por focar nos doutorandos, pois estão mais próximos da maior titulação acadêmica e, de certa forma, mais aptos a ocuparem os cargos de docentes. Da mesma forma, ao lançarmos esse olhar também sobre os professores da pós-graduação, será possível verificar a inserção dessa etnia nessa escala da academia. Em essência, o problema da pesquisa versa sobre um questionamento norteador: Do que (e por quem) é composta a pesquisa em comunicação, uma vez que, objetivamente, o doutoramento forma pesquisadores e onde estão os docentes na pós-graduação e os discentes negros nos doutorados?

Por que estudar sobre a (in)visibilidade do negro nos doutorados em comunicação do Rio Grande do Sul?

Recente publicação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)¹, revelou que, em razão do maior acesso ao ensino superior, fruto das políticas afirmativas, o número de

¹ Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-05/negros-representam-289-dos-alunos-da-pos-graduacao>> Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

estudantes negros no mestrado e no doutorado mais que duplicou de 2001 a 2013, passando de 48,5 mil para 112 mil. A informação teve por base os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e considerando somente os estudantes pretos, a presença étnica passou de 6 mil para 18,8 mil, um aumento de mais de três vezes.

Embora os negros, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representem a maior parte da população (53,6%), eles somam apenas 28,9% do total de pós-graduandos. Nessa mesma perspectiva, um levantamento divulgado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mostra que das 91.103 bolsas de formação e pesquisa do instituto em janeiro de 2015, 26% eram destinadas a estudantes negros, enquanto 58% eram para brancos. O percentual de indígenas não atinge 1%. Cerca de 11% dos bolsistas não declararam a própria etnia.

Na mesma matéria da EBC foi constatado que, passados 130 anos da dita abolição da escravatura, o Brasil está longe de acabar com o racismo presente também nas instituições de ensino. Segundo a reportagem, nas universidades, locais de construção e partilha do saber, a questão ainda se perpetua. As dificuldades que os discentes enfrentam na academia vão desde o ingresso e a permanência até as barreiras para abordar temas que envolvem questões étnicas. Com isso, ainda que possa ser não intencional, aparenta uma tentativa de invisibilidade de negros como protagonistas de processos acadêmicos e isso impacta toda a sociedade.

O então presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), Paulino Cardoso, afirmou que a dificuldade de ingresso aliada à escolha do tema de pesquisa são dificuldades dos pós-graduandos negros. Para ele, faltam linhas de pesquisa que contemplem questões étnico-raciais e faltam orientadores que se interessem pelos temas. Nessa esteira, cabe salientar que a pós-graduação é estratégica, pois é dela que saem muito daqueles que vão gerenciar órgãos governamentais, empresas e criar



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

pesquisas relevantes. São doutores que ocupam locais de poder, vindo da pós-graduação stricto sensu, que é um espaço onde a produção de conhecimento é reatualizada e, sem a presença dos estudantes afros, essa diversidade nem sempre é incorporada como um tema de pesquisa (CARDOSO, 2015).

O estímulo para esse artigo surgiu a partir de um questionamento e reflexão sobre o pertencimento dos negros ao universo acadêmico, de modo especial a pós-graduação em Comunicação do Estado. Para confirmar ou refutar essa suspeita, através dos dados que constam nos sites das universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santa Maria (UFSM), Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e do Vale do Rio do Sinos (Unisinos), verificou-se, através de uma breve pesquisa exploratória, que no quadriênio de 2014 a 2018 há 219 discentes no doutorado. Desses, conforme aferição de fenótipos - cabelo, nariz, boca e pele - da imagem do Lattes de cada discente (os que não tinham fotos foram pesquisados nas redes sociais e por e-mail), apenas 6 são negros, totalizando um percentual de 3,6%, sendo que em nenhuma das instituições públicas, há política de ações afirmativas para o doutorado, que é a titulação máxima que a academia concede. Nessa mesma perspectiva, a quase que total ausência de representatividade étnica é percebida também no corpo docente desses mesmos programas. Na UFRGS², dos 23 professores permanentes e associados, nenhum é negro. Da mesma forma, na UFSM³,

² Disponível em: < www.ufrgs.br/ppgcom/docentes > Acesso em: 15 fev. 2019

³ Disponível em: < poscom.ufsm.br/index.php/pt-br/pesquisadores/corpo-docente > Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

que tem 17 doutores concursados, assim como na PUCRS⁴, onde há 17 professores. Na Unisinos⁵, com 17 docentes, apenas um é negro.

130 anos após abolição, onde estão os pesquisadores negros?

Ainda que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶ tragam à tona que quase 54,6% da população brasileira se autodeclare negra ou parda, a mídia vê e opera com os olhos dos grupos influentes, resultando em uma espécie de espelho invertido. Em proporção semelhante, quando o acesso à educação tem falhas, todo o processo de busca pela equidade é prejudicado, pois ainda há poucos negros em atividades de chefia e muitos em cargos de menor valorização. Esse efeito cascata também é percebido no universo acadêmico, onde é incomum a presença de professores negros. Porém, via de regra, para chegar a esse posto, há um critério constante que é ter doutorado. Portanto, há um paradoxo nessa questão: se é necessário o doutoramento para ser docente, como haverá professores universitários negros se parece ínfimo a quantidade de discentes negros no doutorado?

Os discursos dos escravagistas fincaram raízes na cultura brasileira. Sempre em nome da legalidade, da ordem, da produção, da produtividade, do direito, da constituição,

⁴ Disponível em: < www.pucrs.br/comunicacao/programa-de-pos-graduacao-em-comunicacao/corpo-docente> Acesso em: 15 fev. 2019

⁵ Disponível em: < www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/comunicacao/presencial/sao-leopoldo/corpo-docente> Acesso em: 15 fev. 2019

⁶ Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>> Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

das famílias, das fortunas adquiridas dentro da lei, do respeito à propriedade, da paz, da segurança jurídica e alimentar, das instituições e do bem comum. (SILVA, 2016. p.37)

Apesar do fim da escravidão, a abolição não foi acompanhada por quase nenhuma ação no sentido de integrar o negro à sociedade brasileira. A discriminação racial e a exclusão econômica persistiram ao longo do século XX e persiste com rescaldos na atualidade.

A história mostra que, ao longo dos anos, os negros foram prejudicados em razão da escravidão, com reflexos ainda no século atual, mas com determinação e busca por melhores oportunidades essa etnia tem superado os obstáculos do preconceito e está competindo por melhores empregos, cargos, salários e despontando para o afroempreendedorismo.

Feito esse retrospecto, a partir da pesquisa exploratória já citada, em um contexto de pouco mais de 100 anos da abolição da escravidão, como embasamento para esse projeto foi verificado o site do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), considerando os últimos quatro anos, de 2014 até 2018, atualmente, há 77 alunos doutorandos. Desse montante, baseado no Lattes, e para os que não tinham foto, foi realizado contato por mensagem do Facebook e e-mail, apenas três discente se encaixam no perfil fenótipo de negros: Eutalita Bezerra da Silva⁷, João Batista Nascimento dos

⁷ Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4489176T4> > Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Santos⁸ e Michel de Oliveira⁹. E nenhum deles é gaúcho ou aborda temas relacionados à negritude e a mídia. O programa possui reserva de vagas para pessoas negras apenas no mestrado e não destina cotas para o doutorado.

Conforme o site do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), há 43 alunos em doutoramento. Desses, apenas 1 é negro, no caso Roni Petterson de Miranda Pacheco¹⁰. Na instituição ainda não há cotas para essa etnia no doutorado e não foi encontrado nenhuma tese em andamento sobre o tema em questão.

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), também segundo os nomes divulgados no site da instituição privada, possui 45 estudantes no doutorado e apenas uma é negra, a Francinete Louseiro de Almeida¹¹, do Maranhão. Não muito diferente da PUCRS, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), a partir dos dados publicizados no site da instituição privada, tem 54 discentes

⁸ Disponível em: < <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=54&data=02/08/2016> >
Acesso em: 15 fev. 2019

⁹ Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4511709Z6> > Acesso em: 15 fev. 2019

¹⁰ Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4252114Z6> > Acesso em: 15 fev. 2019

¹¹ Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4469956T8> > Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

e desse montante, apenas um é negro, o angolano Bantu Mendonça Katchipwi Sayla¹². Não há, conforme lattes dos demais estudantes, relatos de pesquisas que relacione negro e a comunicação.

É preciso refletir que o mito da democracia racial, como afirma o sociólogo Renato Ortiz (1994), desconsidera as especificidades dos mais variados grupos sociais e os conflitos raciais que compõem o país, visando principalmente o branqueamento da sociedade brasileira e a eliminação dos traços e influências afrodescendentes, vistos quase sempre como negativos. Em tal estrutura, os lugares que cada indivíduo ou grupo ocupam foram sendo definidos a partir de relações pautadas pela exploração e opressão, como observado pelo “Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre Afrodescendentes”, na conclusão de sua visita oficial ao Brasil, em 2013.

O mito da democracia racial é uma forma eficaz de controle e exclusão social. Daí, compreendemos a dificuldade de se tratar e combater o racismo, pois este se apresenta estruturalmente e está relacionado à forma como a sociedade encontra-se organizada. Os afro-brasileiros constituem mais da metade da população brasileira, no entanto, são sub-representados e invisíveis na maioria das estruturas de poder, nos meios de comunicação e no setor privado. Esta situação tem origem na discriminação estrutural, que se baseia em mecanismos históricos de exclusão, e em estereótipos negativos, reforçados pela pobreza, marginalização política, econômica, social e cultural (ONU, 2013.)

¹² Disponível em: Disponível em: <
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4482302U6> > Acesso em: 15 fev. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade*

e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

FANON, F. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1980

FREYRE, Gilberto. **O Fator Racial na Política Contemporânea, Ciência & Trópico**, Vol. 10, No. 1, 19-36, 1982.

GUBER, R. “**La entrevista etnográfica**” o “el arte de la no directividad”. In: *La etnografía, Método, campo y reflexividad*. NORMA, Argentina, 2001

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 75-85, 2003.

PIZARRO, C. **La entrevista etnográfica como práctica discursiva**: análisis de caso sobre las pistas meta-discursivas y la emergencia de categorías nativas. *Revista de Antropología – USP*, São Paulo, v.57, n.1, p.462-496, 2014